



Olhares quase modernos

Dinâmica 4

3ª Série | 1º Bimestre

Aluno

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	3ª do Ensino Médio	Elementos da linguagem Pré-Modernista na crônica.	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.

DINÂMICA	Olhares quase modernos
HABILIDADE PRINCIPAL	H13 – Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H12 – Reconhecer características do texto poético.
CURRÍCULO MÍNIMO	Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.

Caro/a aluno/a, nesta dinâmica você desenvolverá as seguintes fases:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Lendo e discutindo.	Apresentação da dinâmica e discussão dos temas.	30 min	Toda a turma.	Oral/coletivo.
2	Análise do texto, exercícios e sistematização.	Trabalhando em grupo, resolvendo questões.	30 min	Grupos de 4 alunos.	Oral /Escrito.
3	Autoavaliação	Questões de múltipla escolha.	20 min	Individual.	Escrito.
4	Etapa Opcional	Produção textual.	Critério do professor	Individual.	Escrito.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos e fichas de leitura disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1 LENDO E DISCUTINDO

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E DISCUSSÃO DOS TEMAS

Escrever é uma forma de construir a própria identidade. Muitos de nós possuímos um caderno ou bloco onde registramos nossas impressões sobre o mundo e sobre nós mesmos. Em alguns momentos escrevemos poesia, em outros, relatamos nosso dia a dia na expectativa de encontrar algum sentido para as coisas ao nosso redor e dentro de nós. No passado, era muito comum as pessoas manterem diários. Hoje, com o avanço tecnológico e a internet, redes sociais e blogs cumprem a importante função de localizar seus usuários e escritores num determinado lugar na sociedade. Esses espaços de escrita trazem as marcas do discurso próprio desses enunciadores, que ora os identificam com um grupo específico, ora os destacam da multidão através de características singulares.

A literatura, como um bem cultural, também cumpre um papel na construção da identidade. Porém, além de atribuir sentido ao lugar do escritor no mundo, por ser uma produção compartilhada coletivamente, elabora também os sentidos e as

identidades da própria sociedade, sinalizando as mudanças históricas e seu impacto sobre as pessoas envolvidas nessas mudanças. O texto literário, assim como os diários, blogs e similares, também está cheio de marcas do seu tempo, ou seja, de escolhas, impressões e abordagens constituintes da sociedade do qual é produto artístico, expressando as inquietações, as perguntas, as alegrias e as expectativas de quem vive em determinado momento e ainda não sabe bem qual é o seu lugar.

O gênero textual que funciona como um dos melhores parâmetros do movimento de construção de identidade social é a crônica literária. Vamos ler a seguir um fragmento de uma crônica de um dos maiores cronistas brasileiros da virada do século XIX para o XX, o escritor João do Rio. Suas crônicas sobre a vida urbana na cidade do Rio de Janeiro em plena fase de adaptação ao sistema republicano nos dão uma ideia sobre a elaboração da nova identidade dessa cidade, deixando para trás as características de capital imperial e buscando sintonizar-se com a modernização já em vigor na Europa. Veja como o olhar do cronista se detém sobre a natureza das ruas como se elas fossem entidades orgânicas, tendo vida própria e dando vida à cidade.

TEXTO

A Rua

(Fragmento)

EU AMO A RUA. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua.

(...) a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (...) a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua (...).

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. (...) A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, e quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é (...) tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A rua faz as celebrações e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem, dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias

e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'oiro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto!

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 28–31.

VOCABULÁRIO	
Agremia	do verbo agremiar; juntar num mesmo grupo.
Canteiros	pedreiros responsáveis pelas construções com pedra.
Frontarias	fachada principal; frente.
Melopeia	melodia; canção melodiosa.
Silfos	seres mágicos do ar presente em mitologias europeias.
Proteiforme	que muda de forma frequentemente.
Potentados	majestades; maiorais; pessoas de grande poder.

Caleidoscópio

Paulo Barreto (João P. Emílio Cristóvão dos Santos Coelho B.; pseudônimo literário: João do Rio), jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921.

Era filho do educador Alfredo Coelho Barreto e de Florência Cristóvão dos Santos Barreto. Fez os estudos elementares e de humanidades com o pai. Aos 16 anos, ingressou na imprensa: em 1918, estava no jornal Cidade do Rio, ao lado de José do Patrocínio e o seu grupo de colaboradores. Surgiu, então, o pseudônimo de João do Rio, com o qual se consagraria literariamente. Seguiram-se outras redações de jornais, e João do Rio se notabilizou como o primeiro homem da imprensa brasileira a ter o senso da reportagem moderna. Começou a publicar suas grandes reportagens, que tanto sucesso obtiveram no Rio e em todo o Brasil, entre as quais “As religiões no Rio”. Seus livros ainda hoje são leitura proveitosa como excelente fonte de informações acerca do movimento literário do final do século XIX no Brasil.

Nos diversos jornais em que trabalhou, granjeou enorme popularidade, sagrando-se como o maior jornalista de seu tempo. Usou vários pseudônimos, além de João do Rio, destacando-se: Claude, Caran d’ache, Joe, José Antônio José. Como homem de letras, deixou obras de valor, sobretudo como cronista. Foi o criador da crônica social moderna. Deixou obra vasta, mas efêmera, que de modo algum corresponde à imensa popularidade que desfrutou em vida. Ao falecer, era diretor do diário A Pátria, que fundara em 1920.

Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em: 6 dez. 2013. Texto adaptado.

ETAPA 2

ANÁLISE DO TEXTO, EXERCÍCIOS E SISTEMATIZAÇÃO

TRABALHANDO EM GRUPO, RESOLVENDO QUESTÕES

Agora que já discutimos alguns pontos importantes sobre a linguagem e o conteúdo da crônica A rua, vamos trabalhar em grupo. O professor organizará grupos de quatro pessoas. Fica bem mais fácil pensar coletivamente. Um membro do grupo deve ser escolhido para fazer a leitura em voz alta para os demais. Em seguida, todos tentarão resolver as questões componentes desta fase. Na hora da socialização das respostas, o professor poderá solicitar que cada membro do grupo apresente um dos itens dos exercícios, de maneira que todos poderão participar.

Não se esqueça: o trabalho é em grupo, mas todos na turma estarão executando a mesma tarefa, portanto, é necessário manter a ordem em respeito aos colegas; ainda que as atividades sejam coletivas, cada um deve registrar as respostas no seu próprio material. Ah! O professor está à disposição para dar orientações e esclarecer dúvidas.

Mãos à obra!

1. A transição entre o século XIX e o XX no Brasil significou também a mudança entre a valorização da tradição, compatível com um sistema de governo monárquico, e a exaltação da modernidade, relacionada ao sistema republicano. O texto que lemos traz uma parcela desse entusiasmo ao louvar a rua.

Entre as opções a seguir, marque aquelas em que o cronista deixa claro seu olhar positivo sobre a vida urbana.

- () “EU AMO A RUA.”
- () “Nós somos irmãos (...) porque nos une, nivela e agremia o amor da rua.”
- () “Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres.”
- () “A rua (...) é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.”

2. Pense e responda. Que relação existe entre a valorização da rua e a valorização da modernidade?

3. As palavras e expressões selecionadas por um escritor estão de acordo com seu momento histórico, porque a língua também se encontra no movimento de uso e transformação. Identifique as declarações a seguir que contêm termos ou expressões próprios do início do século XX.

() “Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais.”

() “Há suor humano na argamassa do seu calçamento.”

() “haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem.”

() “a rua criou um tipo universal (...) poeira d’ouro que se faz lama.”

() “A rua sente nos nervos essa miséria da criação.”

4. A crônica literária recebe essa classificação porque o cronista lança mão de muitos recursos da linguagem poética, resultando em textos pontuados de lirismo e carregados de inventividade. A crônica *A rua* não é diferente. Vejamos a seguir alguns trechos em que a expressividade se faz presente de forma acentuada.

“(...) a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (...) a rua é a agasalhadora da miséria.”

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo.”

“A rua (...) Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios.”

“A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça (...) a rua criou o garoto!”

Agora, o grupo deve escolher dois entre os trechos acima e interpretá-los, de acordo com as ideias presentes no texto de João do Rio e com o próprio conhecimento de mundo.

TRECHO 1:

TRECHO 2:

SISTEMATIZAÇÃO

Pré-Modernismo: nome convencional dado à produção cultural posterior ao Realismo/Naturalismo/Parnasianismo/Simbolismo e anterior ao Modernismo. Trata-se de um momento de transição entre o olhar tradicional sobre o mundo e a construção da identidade brasileira. Os escritores e intelectuais desse período estão envolvidos com uma nova realidade republicana. O Brasil é imenso e cheio de contradições e características variadas. Por isso, o foco dos pré-modernistas se volta para vários aspectos da brasilidade.

Produção pré-modernista: conserva elementos das tendências do fim do século XIX e antecipa questões do Modernismo. Divide sua atenção com os seguintes interesses: as diferentes regiões do Brasil, os centros urbanos, os funcionários públicos, os sertanejos, os caboclos e os imigrantes.

Cronologia (arbitrária): 1902 a 1922.

Principais autores: Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha, Coelho Neto e João do Rio.

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO

QUESTÕES OBJETIVAS

Relembrar o que foi estudado e analisado anteriormente é sempre um bom momento para medir o nível de aprendizagem. As questões a seguir servem para isso e são individuais.

Boa sorte!

Leia o texto a seguir, fragmento de um dos mais importantes romances do Pré-Modernismo, e resolva as questões.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, (...) estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: “Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?”.

(...) Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concertou o *pince-nez*, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Sr. Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: L&PM, 1998. p. 20-21. (Fragmento).

1. Assinale a opção que apresenta termos e/ou palavras cuja escolha está ligada ao momento social e histórico do romance de Lima Barreto.
 - a. Repartição, ponto, escreventes.
 - b. Doestos, amanuenses, pince-nez.
 - c. Leviano, emancipação, tupiniquim.
 - d. Jargão, afinco, insultos.

2. Marque a alternativa **incorreta** em relação a *Triste fim de Policarpo Quaresma*.
 - a. O apelido dado a Policarpo Quaresma – Ubirajara – pode ser lido como uma referência do autor ao personagem Ubirajara, do romance de mesmo nome, de José de Alencar.
 - b. Um dos temas caros ao Pré-Modernismo está destacado nesse romance: o foco sobre o funcionalismo público.
 - c. Construir a identidade nacional com base na volta à língua tupi-guarani é uma iniciativa ridicularizada no romance.
 - d. Triste fim de Policarpo Quaresma mostra como é possível traçar a identidade brasileira através da volta ao passado tradicional.

ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO TEXTUAL

Você observou que o texto de apoio desta dinâmica, a crônica *A rua*, traz uma imagem idealizada do menino de rua. Pois bem. Agora você vai recorrer à sua experiência. Pense nessa figura que vagueia pela cidade. Reflita sobre seus desejos e necessidades. Em seguida, elabore um texto tentando caracterizar e explicar o comportamento dos meninos de rua.

A primeira frase do seu texto é:

“pede como se fosse natural pedir”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Literatura brasileira.** Tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** São Paulo: L&PM, 1998.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O ALUNO

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: L&PM, 1998.

O romance de Lima Barreto é emblemático do momento de transição entre uma identidade nacional aparentada com a monarquia e a visão europeia de mundo e a necessidade de elaborar uma nova ideia de nacionalidade. Esse romance traça um rico painel das relações sociais entre a classe média composta pelo funcionalismo público e deixa claro o ridículo de se manter apego desmedido ao passado e a posições ultraconservadoras. Ao mesmo tempo, lança um olhar amargo sobre a modernidade.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Na contramão do romance de Lima Barreto, as crônicas de João do Rio inserem o olhar carioca na modernidade que toma de assalto a vida urbana brasileira. É interessantíssimo ver como o cronista consegue captar o novo espírito da cidade, com seus novos transeuntes, as diferentes religiões que tomam conta das ruas do Rio, além de enxergar a criatividade dos tipos vagabundos em arranjar meios de sobrevivência, ora honestos, ora nem tanto.